

Q Intitudo em separado nos meses de outubro, novembro e dezembro referenciados.  
 ou seja 4, 5, 6 de novembro  
 compare o Imprenta.

## INSTITUTO PERNAMBUCANO DE HISTÓRIA DA MEDICINA- IPHM E MUSEU DA MEDICINA.

**INFORMATIVO 3- 30 DEZEMBRO- 2018.**

### EDITORIAIS.

Este é o último número do Informativo do IPHM e seu Museu englobando os meses de outubro, novembro e dezembro referentes às suas datas festivas.

Inicialmente desejamos agradecer a UFPE através de seu Reitor Anísio Brasileiro e do Coordenador do Memorial da Medicina que abriga tantas entidades médicas há vários anos prestigiando um patrimônio cultural de nossa universidade e da Medicina de Pernambuco e da classe médica.

Como notícia desejamos informar que as Reuniões Histórico-culturais iniciadas em dezembro do Instituto Pernambucano Histórico de Pernambuco terão continuidade mensalmente nas segundas quartas feiras de cada mês às 9 h no Memorial da Medicina. Está programado para o mês de fevereiro a palestra do Prof. Carlos Miranda de interesse geral e que deverá gerar debates .

Neste número apresentamos dois editoriais, não somente históricos médicos, mas também uma homenagem às figuras médicas dos autores e de razões as mais importantes pelos méritos dos mesmos , mas também por representarem uma continuidade do trabalho e dos méritos de seus trabalhos. Um é o artigo da prof. Gilda Kelner, nossa associada do IPHM dando sua contribuição como integrante da nossa entidade, além de representar uma continuidade do legado recebido de seu pai, o Prof. Salomão Kelner com tantos serviços prestados não só a população, ao ensino médico, à UFPE e aos seus alunos e pacientes, além do Memorial da Medicina, da Academia de Medicina de Pernambuco , da Associação dos ex-alunos da UFPE e do IPHM. Sua filha representa uma continuidade do legado herdado de seu pai aos quais devemos reverenciar ambos. O outro editorial é uma outra homenagem a outra figura que muito contribuiu para o nosso IHPM, do qual foi seu último Presidente e que por toda a sua vida foi um defensor do mesmo e lutou para enriquecer o acervo do seu Museu e conseguiu dotar o Instituto e seu Museu por muitos anos de uma sede sempre adiada até que foi conseguido o Memorial na gestão do Prof. Fernando Figueira e do Reitor Efreim Maranhão; inclusive o editorial foi de uma publicação da Associação dos ex- alunos da UFPE, da qual foi Presidente e fundador o Prof. Salomão Kelner.

**À ELES AS HOMENAGENS JUSTAS DE TODOS NÓS QUE NOS BENEFICIAMOS COM A EXISTENCIA DELES E DOS LEGADOS QUE NOS DEIXARAM.**

## ALGUNS ARES DO PASSADO

GILDA KELNER

Quem quiser que diga que viver intensamente o passado é não saber ou não poder viver o presente. Não me importo.

Apreendi muito com as histórias de meus pais e seus amigos, em reuniões memoráveis, sobretudo em nossa casa, mas também na residência de Ovídio Montenegro e sua amada Lelé e na granja de Aldeia do professor Amaury Coutinho, grande mestre da Clínica Médica, e sua talentosa esposa Anna. Nela sobravam talentos artísticos e da ordem do afeto e do humor.

Ovídio chegava sério, compenetrado, ia "relaxando" a medida que tomava seu uísque e começava a contar tropeços e bravatas da juventude. Saído do Açu, no interior do Rio Grande do Norte, ex-seminarista, veio estudar Medicina em Recife e se hospedou numa pensão, nem digo onde. Lelé ficou esperando a volta do amado em Natal, onde estudava (Escola Doméstica).

Dizem as más línguas que Ovídio lhe deixou de presente de despedida mil cartões de visita com seu nome de solteira, SALÉSIA TAVARES. MIL! Quando seria este casamento? Os amigos caçoavam dele.

Entrou na Faculdade de Medicina e se graduou em 1942, colega de minha mãe, Miriam Kelner. Foi para São Paulo, onde já estava Quintiliano Mesquita, médico paraibano que brilhou na capital paulista posteriormente. Uma de suas principais realizações foi a Teoria Miogênica do Enfarte do Miocárdio desenvolvida em 1972, com a prevenção e tratamento do enfarte através de cardiotônicos. O Doutor Mesquita recebeu em 1975 o Prêmio de Tradição Ernst Edens, da Sociedade Internacional de Combate ao Enfarte, pelo uso de cardiotônico na angina instável, na angina estável e no enfarte agudo do miocárdio. Em 1980 houve reportagem pela revista alemã Bunte, a respeito. Foi muito combatido e invejado. Atualmente isso parece muito distante, mas foi uma pesquisa importante para a época.

Ovídio voltou para Recife e, ao lado de Newton de Sousa, iniciaram a prática da Cardiologia como especialidade.

Newton era extremamente meticuloso, comedido, demorava horas no ambulatório de Cardiologia do Hospital Pedro II e era particularmente interessado na pesquisa dos lipídios e sua relação com a aterosclerose. Amigo fraterno de meu pai, Salomão Kelner, colegas de turma de Medicina (1940). Tive a satisfação de herdar as duas preciosíssimas amizades, Ovídio e Newton, este filho de um grande jurista, professor da Faculdade de Direito do Recife, Mário de Souza, graduado em 1912. Uma das filhas de Dr. Mário, Laís, casou com Rui Antunes, que se tornou um luminar em Direito Criminal na mesma faculdade do sogro.

A dupla contribuiu para a formação de vários cardiologistas, entre os quais destaco Rostand Paraíso, Fernando Rocha e Norma Palmeira. Os dois eram professores da cadeira de Clínica Médica ( Amaury Coutinho ) e colaboravam com o Instituto de Cardiologia,

criado pelo professor Luís Tavares da Silva, cirurgião torácico e cardíaco, filho do também professor Arsênio Tavares . Carlos Moraes foi o discípulo predileto de Dr Luís.

Ovídio atendeu grandes personalidades, a esposa do então presidente Castelo Branco, de passagem pelo Recife, o reitor Joaquim Amazonas ( fundador da Universidade do Recife, depois UFPE) , o general Rodrigo Octávio Jordão Ramos, Gilberto Freire, Olívio Montenegro, Capiba, alguns membros da família Cavalcanti, advogados famosos e muitos outros, inclusive médicos e amigos. Acompanhou as coronárias de pacientes graves, como meu pai e Amaury Coutinho.

A primeira emergência cardiológica do Recife, Procárdio, foi criada pelos dois. Antes disso, a assistência a coronariopatas graves se dava à beira do leito, em hospital ou em domicílio, o médico passava dias e dias à cabeceira do doente. Lembro dos relatos de Ovídio preocupado com o reitor Amazonas, que era irmão de Henriqueta , casada com um dos maiores gênios da Faculdade de Medicina, o célebre professor Aluizio Bezerra Coutinho.

Lembro muito das aulas de Dr Bezerra, no Engenho do Meio (Faculdade de Medicina), às sete horas da manhã. Apesar de ser professor de Patologia Geral, tratava de assuntos de Cibernética, de Genética, de Filosofia...falava baixinho, no seu terno claro, de paletó, grossos óculos de grau. Seu senso de humor era muito inteligente.

A filha Sílvia, arquiteta, casada com o professor de Economia Frederico Katz, me contou várias histórias engraçadas sobre Dr Bezerra. Referiu que era um mau motorista e, distraidamente bateu num carroceiro que vendia ovos. Chegou em casa referindo o fato e dizendo que o pobre rapaz agora só iria vender omelete. Evidentemente pagou pelo prejuízo.

Os professores de Medicina do passado contribuíam mais proximamente com a formação humanística dos alunos. Tenho várias teorias sobre o assunto, mas passarei ao largo, me entristecem.

Não pretendo ter escrito nada de novo. Aliás, desde Salomão (Eclesiastes), não há nada de novo debaixo do sol. Até Platão disse que suas ideias vinham de fora, que ele se considerava como se fosse um jarro vazio que se foi enchendo com conhecimentos que ele não sabia de onde vinham, de quem vinham e quando vieram. Quanto mais eu.